

ESPÍRITOS MALIGNOS NO JUDAÍSMO ANTIGO

EVIL SPIRITS IN ANCIENT JUDAISM

Pedro Augusto M. B. M. Gomes¹⁷¹

Artigo recebido em 07 de agosto de 2022
Artigo aceito em 20 de setembro de 2022

Resumo: A partir do pensamento de monges alexandrinos do século II d.C., como Atenágoras de Atenas, o entendimento da palavra demônio remete a um tipo de espírito, que tem como objetivo desvirtuar os primeiros cristãos, aqueles de pouca fé. Por conta disso, a Igreja Católica passa a caracterizar estes espíritos, tratando-os como entidades malignas e tendenciosas até os dias de hoje. No entanto, cabe a nós nos perguntarmos se o contexto da palavra demônio, aplicada nos dias de hoje, possui algum fundamento para o estudo do artigo a seguir, apresentando pontos sobre tais espíritos na época do Antigo Testamento.

Palavras-Chave: Antiguidade, Demonologia, Demônios, Espíritos Malignos, Hebreus.

Abstract: From the understanding of the Alexandrian monks of the second century AD, such as Athenagoras of Athens, the word demon began to refer to a type of spirit, which aims to deviate the first Christians, those with little faith. Therefore, the Catholic Church begins to characterize these spirits, treating them as evil and biased entities to this day. However, it is up to us to ask ourselves if the context of the word demon, applied today, has any basis for the study of the following article, by presenting points about such spirits in the Old Testament era.

Keywords: Antiquity, Demonology, Demons, Evil Spirits, Hebrews.

¹⁷¹ Aluno da Pós-Graduação do curso de História e Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Mediterrâneo pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP. ID ORCID: 0000-0002-1023-3161.

Quando trabalhamos junto à historiografia acerca da palavra demônio, geralmente somos levados a entender que este espírito, o qual, segundo os gregos, habita uma região entre um espaço divino e um espaço terrestre, servindo como interlocutores entre os deuses e a humanidade, é unicamente cruel e maléfico, em suma, agentes do mal ou algozes. Para os gregos, podemos caracterizar que dentro da organização social da *pólis* na época de Platão, “há um lugar reservado na organização e na vida em sociedade para o cuidado do espírito” (VIANA, 2019, p. 13), ou ainda, quando não o espírito de algum herói morto, o *δαίμων* (daímon) ou *δαιμόνιον* (daimónion) - também demônio - era visto também como um espírito mediador entre deuses e homens. O filósofo Luther Link, aponta que “no Banquete de Platão, por exemplo, o amor é um grande *daímon*, mediador entre deuses e mortais” (LINK, 1998, p. 25). Homens bons e sábios eram chamados de *daímones* por Sócrates no Crátilo, quando este explica a Hermógenes a sua origem antes mesmo da geração dos homens de ouro, guardiões dos humanos mortais, espíritos desconhecidos, mas nobres e protetores (NUNES, 1988, p. 121).

A respeito desta palavra - *δαίμων* - existem duas definições dentro do *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*, a primeira, “o poder divino, deidade, divindade” e a segunda, “um espírito, um ser inferior a Deus, superior ao homem” (THAYER, 2017, p. 123). Segundo o autor Elijah Sluter, a “palavra grega *δαίμων* não carrega uma conotação negativa” (SLUTER, 2016, p. 63). Mas nos séculos II e III, os alexandrinos helênicos trataram de enxergar os demônios de Platão como anjos caídos perversos. Essa ideia de espíritos malignos parece provir do pensamento de Atenágoras de Atenas - monge alexandrino do século II d.C. -, que sugeriu que os *daímones* poderiam afetar a mente, o corpo e a alma humana, remetendo à ideia de que uma mente fraca era uma mente desviada da fé em Cristo (CROSIGNANI, 2017, p. 177). Esse

conceito, nos leva a entender que palavra *daímon* a partir do século segundo, deixa de carregar parte dos elementos apontados pelos filósofos gregos, tornando-se apenas uma referência para espíritos malignos e mal-intencionados.

Com o intuito de entendermos sobre os espíritos malignos para os antigos judeus, é necessário compreendermos o mínimo de sua religião.

Na Bíblia Sagrada, é sabido que Abraão viveu na Mesopotâmia em meados dos anos 2000 a.C. e que Deus ordenou que este saísse de suas terras em busca de uma terra, a qual seria equivalente ao atual território de Israel. Temos no livro de Gênesis:

E o Senhor disse a Abraão: Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. E farei de ti uma grande nação, te abençoarei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma benção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei quem te amaldiçoar; e todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti. (GÊNESIS 12:1-3).

Abraão, quando chega à terra apontada por Deus, levanta inúmeros altares na região para um Deus de nome *El* e, com Moisés, seu descendente, chegam à Midiã os mandamentos e uma nova identidade para *El*, Javé. No entanto, isso não impediu que o povo adorasse outros deuses que não *El*, como por exemplo Baal e até mesmo Aserá. Para John J. Collins, “a Bíblia nunca negou que os povos da região de Israel e Judá fivessem adorado outros deuses além de Javé, incluindo deusas” (COLLINS, 2004, p. 183). Uma das reconstruções da religião dos israelitas foi a abstenção do culto à deusa Aserá, ainda que evidências escritas da mesma tenham sido encontradas nas ruínas de Khirbet el-Qom e Kuntillet Ajrud - “para Javé de Samaria e sua Aserá” (COLLINS, 2004, p. 182) - e, da ideia para alguns profetas como Oseias, de que Deus não queria sacrifícios, mas amor, visto que desejava por “misericórdia e não sacrifícios; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (OSEIAS 6:6). Não é possível afirmar que todos os profetas nessa época

compartilhavam da mesma ideia de Oseias quanto ao sacrifício, mas Amós aponta para um Deus menos ligado às práticas mundanas, o qual simplesmente “detesta e despreza as vossas festas” (AMÓS 5:21). Em suma, podemos afirmar com Collins novamente, que alguns dos profetas se não todos, entendiam que seu Deus queria que seus seguidores praticassem gestos que os levassem à justiça e não gestos simplesmente vazios (COLLINS, 2004, p. 183). Uma segunda reforma na religião dos antigos judeus, se dá pelo rei Josias durante o seu reinado. Este restringe sacrifícios, oferendas e adorações a Javé para dentro de Jerusalém apenas e ordena que suas tropas destruam todos os locais utilizados para sacrifícios humanos, bem como os altares para o Deus fora da cidade e em todo seu território. Ao seu povo, a ordem é de que não adorem a nenhum outro tipo de divindade que não Javé, incluindo as divindades canaanitas já mencionadas anteriormente, como Baal e Aserá.

Collins também diz que a reforma proposta pelo rei Josias foi de grande importância em relação à crença a Javé, uma vez que, se os sacrifícios apenas poderiam ser feitos em Jerusalém, as pessoas as quais viviam fora da cidade só poderiam fazer os mesmos em ocasiões especiais, isso acarreta tornar o templo da cidade em um edifício ainda mais importante do que nunca para a religião e as leis. antes passadas pelos sacerdotes de forma oral à população, agora estariam escritas em livros (COLLINS, 2004, p. 184). Podemos concluir com o período do Segundo Templo de 515 a.C. a 70 d.C., o qual e, depois da destruição de Jerusalém pelos Babilônios, com seu espírito despertado pelo Deus de Israel, o rei Ciro da Pérsia, o ungido (Isaías 45:1) - libertador do povo judeu do cativeiro babilônico -, se viu encarregado de construir um novo templo para este. Segundo Esdras:

Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, Deus do céu, me deu todos os reinos da terra e me encarregou de construir um templo para

ele em Jerusalém de Judá. Quem entre vós for de seu povo, que Deus esteja com ele, suba para Jerusalém de Judá e reconstrua o templo do Senhor, o Deus de Israel. Ele é o Deus que habita em Jerusalém. (ESDRAS 1:2-3).

Em suma, em primeiro lugar, entendemos que os antigos judeus viviam espalhados pela região do Oriente Próximo e que, está claro que influências e costumes de outros povos à sua volta estavam presentes em sua crença, em segundo lugar, quando o rei Salomão falece, o reino é dividido entre norte e sul, com o norte agregando a seus costumes praticas pagãs, ao passo que inúmeros profetas passam a protestar contra a adoração a deuses que não Javé, até a destruição da região pelos assírios. Um século mais tarde, a região sul sobrevivente e com o rei Josias, reestabelece com uma nova reforma na religião e na crença em Javé, até a invasão e destruição de Jerusalém pelos babilônios, mas 50 anos depois, com o rei Ciro da Pérsia, os judeus, os quais estavam novamente espalhados pelo Oriente Próximo, conseguem retornar à cidade de Deus e restaurar a religião trazida por Moisés à Judá quase um milênio antes (COLLINS, 2004, p. 181).

Com relação a espíritos malignos, o primeiro passo é entender, segundo Henrike Frey-Anthes, que o termo - do grego - demônio não tem nenhuma expressão equivalente nos idiomas de origem semita e que a academia deveria evitar utilizar este termo em relação a sua interpretação dentro dos estudos do Antigo Testamento (FREY-ANTHES, 2008, p. 38). Nesse caso, concordamos com Anna Maria Gloria Capomacchia e Lorenzo Verderame, quando estes apontam que demônio é, de fato, um “termo genérico e é usado tradicionalmente de uma maneira muito generalizada” (CAPOMACCHIA; VERDERAME, 2011, p. 291).

Algumas são as características que poderiam nos levar a entender o que é um espírito maligno para os antigos judeus. Em primeiro lugar, pensarmos que estes são seres que habitam os desertos, ora, um lugar

desolado e que remete à morte. Os antigos egípcios tinham uma interpretação do deserto como um lugar hostil, uma região vermelha na qual impera o caos sob o comando do deus *Seth*. Daí o vermelho, cor a qual para os escribas estava diretamente associada ao mal, eles escreviam o hieróglifo associado à palavra com vermelho para alguns dias do ano que poderiam trazer infortúnios, o nome de monstros hostis, bem como os nomes de *Seth* e *Apófis* (WILKINSON, 1994, p. 106-107). O que queremos dizer é que existe um intercâmbio cultural dentro de uma concepção acerca de espíritos e crenças em seus poderes. Um intercâmbio entre as nações que atualmente fazem parte do Levante. Em segundo lugar, está na ligação entre as considerações de Frey-Anthes e Verderame. Para os acadêmicos, os espíritos malignos tais quais fantasmas, habitam a periferia das cidades, longe de sua ordem (VERDERAME, 2013, p. 120) e podemos, inclusive, mencionar alguns animais, como corujas, avestruzes, chacais e serpentes, os quais representam através de sua iconografia o mal, sendo estes os habitantes dos desertos que circundam as cidades. Um exemplo dessa iconografia animalesca do mal, nos apresenta Link ao afirmar que o *Bes* egípcio - definitivamente uma referência iconográfica para o diabo na Idade Média -, carregava em sua cabeça penas de avestruzes, as quais depois foram interpretadas como cabelos flamejantes (LINK, 1998, p. 76). Reforçando a ligação dos espíritos malignos com estes animais, ainda de acordo com Frey-Anthes, "como moradores de lugares desertos, estes estão sempre junto de outras criaturas periféricas e, portanto, misteriosas" (FREY-ANTHES, 2008, p. 46). Edward Langton nos apresenta algumas das características demoníacas associadas aos animais mencionados anteriormente. Corujas, as quais estão presentes em ruínas e são criaturas noturnas ligadas diretamente à *Lilith*. Avestruzes como aves vorazes, os hebreus tinham um termo para elas como "filhas da ganância", as quais estão ligadas diretamente a espíritos malignos para os babilônios. Os

chacais, animais que uivam e que, junto dos lobos, se fazem presentes nas mitologias egípcia, babilônica, dentre outras, como espíritos malignos. Por fim, a serpente, apenas este animal daria para escrever um novo artigo sobre sua simbologia dentro da mitologia cristã, mas acreditamos que o exemplo mais claro está no livro do Gênesis com a tentação de Eva (LANGTON, 2014, pp. 37-43).

Para Verderame, basta que entendamos que tais espíritos malignos vivem em oposição à ordem das cidades, vivem no caos, nas trevas, na morte. Segundo ele, “em geral, podemos dizer que tais espíritos compartilham de todas as características do elemento caótico” (VERDERAME, 2013, p. 120). Acreditamos que parte dos estudiosos contemporâneos aponta para a apresentação de entidades demoníacas da antiguidade, representadas como bestas hediondas ou híbridos entre humanos e animais, os quais sempre apontam à uma condição de ameaça. O grifo, por exemplo, criatura mítica que pode ter surgido no segundo milênio antes de Cristo na atual Síria, bem como o próprio *Pazuzu*, da Babilônia, o qual aparece na primeira metade do primeiro milênio antes de Cristo, são exemplos de tal associação. O interessante é que podemos compreender que ambos têm suas funções muito bem definidas como elementos protetores dentro da crença religiosa e supersticiosa na Mesopotâmia (BLACK; GREEN, 2014, p. 124), diferentemente dos malignos demônios cristãos.

De fato, se existiu como temos ideia um intercâmbio cultural entre culturas mas, os antigos judeus tinham uma religião muito bem estabelecida com base no monoteísmo e, com a crença em um único Deus Javé, a ausência de espíritos malignos no Antigo Testamento como os conhecemos hoje seja plausível, uma vez que, para os antigos judeus e seus mestres, conceber qualquer poder a tais espíritos poderia diminuir o poder de Javé e, com base nesse pensamento, podemos levantar a

hipótese de que as práticas e crenças das nações vizinhas, ofereciam ampla prova de que estes espíritos eram um perigo para o monoteísmo. Sabemos que os próprios profetas acreditavam na atividade de espíritos malignos, mas o maior problema era como salvaguardar as concepções monoteístas para eles, da indubitável existência de tais espíritos. É como vai nos dizer Frey-Anthes, “desapoderar deuses estrangeiros nos tempos do Antigo Testamento, servia como um meio de enfatizar a soberania exclusiva de Javé” (FREY-ANTHES, 2008, p. 42). Por conta disso, encontramos no Antigo Testamento, passagens as quais apontam para os espíritos malignos, mas que também condenam a adoração ou rituais a deuses estrangeiros. Como a passagem em Deuteronômio 32:17, a qual vai apontar para a oferta de sacrifícios a deuses desconhecidos ou, na passagem em Salmos 106:37, a qual aponta para sacrifícios de filhos e filhas. Com a construção de altares por parte de Jeroboão, a deuses representados por bodes e bezeros em 2 Crônicas 11:15 e também, em Levítico 17:7, quando Javé proíbe sacrifícios a ídolos também com a forma de bodes.

Desapoderar, combater e derrotar, é o que faz Javé em Jó 26:5-14, quando, segundo Forsyth, nesta passagem:

[...] Javé derrota vários inimigos da mitologia canaanita, incluindo *Rahab*, outro nome para o dragão *Leviatã*, bem como as Sombras, ligadas a *Mot*, mas se contorcendo como uma cobra. Ele limpa o dragão do céu, [...], ele trespassa a serpente, [...]. Ele desnuda *Abadom*, “perdição”, [...]. (FORSYTH, 1989, p. 65).

A citação anterior nos aponta para a evidência de que no Antigo Testamento podemos observar que o monoteísmo dos hebreus, em outras palavras, o crescimento da religião hebraica se dá por conta da separação e não do sincretismo. É como Unger vai sugerir:

A religião israelita começou como monoteísmo puro, em um expurgo radical e completo do politeísmo, e a genialidade dela estava em sua perpetuação como tal pelo isolamento rígido e intransigente. Este é o segredo da grandeza de sua demonologia e de sua religião em geral. (UNGER, 1994, p. 22).

Não estamos aqui para debater se Javé do Antigo Testamento é um Deus o qual age por pura bondade ou se Javé tem seu lado sombrio, mas o que dizer da passagem em Salmos, quando lemos que um Deus irado lança seus anjos destruidores, além da fúria, angústia e indignação? (SALMOS 78:49). Outro exemplo está em Samuel, quando Javé, arrependido, ordena a um de seus anjos, o qual iria destruir Jerusalém seguindo suas ordens, que parasse naquele momento. “Basta! Retira agora a tua mão” (2 Samuel 24:16) ao passo que, o anjo o obedeceu. Tais passagens, remetem à ideia dos antigos babilônios, os quais acreditavam que seus deuses lançavam espíritos contra eles quando contrariados. De acordo com Jean Botteró, havia apenas duas formas de um espírito atacar um ser humano, fosse através de uma invocação mágica ou por conta de seu próprio comportamento hostil, mas precisamos destacar também que a infelicidade, os problemas psicológicos e a falta de sorte de um indivíduo na Babilônia, se dava apenas mediante o comando dos deuses primeiramente (BOTTÉRO, 2004, p. 187), os espíritos eram somente os executores. Ainda com ele, devemos ressaltar que dessa forma, os problemas humanos de ordem emocional e psicológica possuem explicações mitológicas, sobretudo, na fúria ou desapontamento de seus deuses. Em suma, se o indivíduo de alguma forma ofendeu a um deus, o deus o amaldiçoava lançando os seus espíritos, os quais agora eram submissos a estes seres soberanos (BOTTÉRO, 2011, pp. 172-174).

Queremos pontuar que, ainda que o monoteísmo tenha se preservado dentro da comunidade hebraica no período aqui estudado - Antigo Testamento -, é sabido, principalmente de acordo com a cultura material deixada, que evidências de amuletos de proteção foram encontrados na região de Judá e da Palestina. Em sua tese, Jurgens afirma que

De fato, mesmo um rápido levantamento da cultura material de Israel e Judá durante o final da Idade do Ferro (900-586 a.C.) evidencia que crenças e práticas orientadas para o confronto e combate às entidades [...] nocivas podem ser compreendidas como um componente significativo da antiga religião do povo israelita e judaico [...]. Centenas de amuletos egípcios - muitos com as imagens protetoras do olho *Udjat*, o infante *Horus*, ou as divindades anãs *Pateque* e *Bes* - foram encontrados em edifícios domésticos e túmulos em toda a antiga Palestina. (JURGENS, 2021, p. 32).

Evidências materiais do já mencionado *Pazuzu* também foram encontradas na região dos antigos judeus, inclusive, uma coleção de objetos relacionados ao espírito apotropaico, hoje estão guardados no Museu Terras da Bíblia e no Museu de Israel, ambos em Jerusalém (GABBAY, 2001, P. 149).

No entanto, a dúvida que fica dentro deste pequeno artigo é, podemos identificar depois de tudo o que foi trabalhado, quem são os espíritos malignos aqui apontados? Segundo Merrill F. Unger sim, “espíritos malignos existem” e trabalhamos com as evidências em passagens bíblicas apresentadas anteriormente, ou seja, podemos sugerir que o Antigo Testamento entende os ídolos, bem como os deuses estrangeiros como tais espíritos. Vimos que os deuses estrangeiros, consistiam em uma ameaça real à divindade incomparável de Javé e, ainda segundo Unger, para os judeus, “os ídolos não passavam de espíritos malignos os quais se deixavam ser adorados por homens e mulheres” (UNGER, 1994, p. 36).

Dentro de nossa compreensão, podemos apontar para dois tipos de espíritos mencionados no Antigo Testamento, os *shedim* e os *seirim*.

A palavra *shedim*, apesar de não ter sua etimologia bem estabelecida, é quase certo de que seria provinda diretamente da raiz *shudh*, - governar ou ser senhor -, ao passo que também pode representar sem dúvida alguma no Antigo Testamento, ídolos ou senhores. Os hebreus desde muito cedo, consideravam as imagens idólatras como meros

símbolos visíveis de espíritos invisíveis. Sabemos que os *shedim* eram frequentemente representados como touros alados, os quais protegiam ou guardavam a entrada de templos na Assíria e na Babilônia.

A palavra *seirim* está diretamente vinculada às figuras antropomórficas, metade homem e metade bode, a caráter ilustrativo, como os sátiros gregos. Etimologicamente temos uma palavra com seu significado bem definido como peludo ou bode. Uma evidência de que os israelitas consideravam essas concepções sobre estes espíritos, como semelhantes às cabras em aspecto ou atributos. Há também um conceito, de que os *seirim* seriam vistos pelos antigos judeus como criaturas malignas, da mesma categoria de *Lilith* e que também eram cultuados pelos povos da Assíria e da Fenícia.

Conclusão

Podemos concluir que fica claro que todo o trabalho feito pelos escribas no Antigo Testamento é um trabalho que enaltece a figura de um Deus onipresente e onipotente. Sabemos que, por mais que dentro do Antigo Testamento não encontremos nada que negue - como vimos anteriormente -, a crença por parte do povo hebreu a outros deuses e ídolos, compreendemos que as demais divindades que não Javé, as quais aparecem dentro do Antigo Testamento, tem como principais características os sacrifícios e a prática da idolatria, o que dentro de nosso entendimento, parece causar sempre algum tipo de mal estar com Javé, ocasionando algum tipo de represália por parte deste contra seus praticantes. No entanto, precisamos nos atentar ao fato de que para os antigos judeus, algumas interpretações acerca de espíritos e divindades são negativas, principalmente com Javé muito bem estabelecido como único Deus. Como consequência, sugerimos que estes espíritos e deuses estrangeiros naturalmente passam a ser vistos como influências negativas

à religião dos antigos judeus, corroborando com a ideia de que estes seguem por um caminho que vai contra os princípios estabelecidos por Javé.

REFERÊNCIAS

A) Documentação

CAPOMACCHIA, Anna Maria Gloria; VERDERAME, Lorenzo. Some Considerations about Demons in Mesopotamia. In: **SMSR 77 (2/2011) pp. 291-297.**

CROSIGNANI, Chiara. The Influence of Demons on the Human Mind according to Athenagoras and Tatian. In: **Demons at Work in Ancient Mesopotamia. Boston, MA: Editora Brill, 2017. pp. 175-214.**

FREY-ANTHES, Henrike. Concepts of "Demons" in Ancient Israel. In: **Die Welt des Orients, Bd. 38 (2008), pp. 38-52.**

GABBAY, Uri. A Collection of Pazuzu Objects in Jerusalem. In: **Revue d'Assyriologie et d'archéologie orientale, Vol. 95, No. 2 (2001), pp. 149-154.**

VERDERAME, Lorenzo. Their Divinity is Different, their Nature is Distinct! Origin and Features of Demons in Akkadian Literature. In: **Archiv für Religionsgeschichte, v. 14, nº 1, pp. 117-127, set. 2013.**

B) Bibliografia

BLACK, Jeremy e GREEN, Anthony. **Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia.** 8ª. Edição. Austin, TX: University of Texas Press, 2014.

Bíblia Sagrada Almeida Século 21. 3ª Edição, 1ª Reimpressão. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2017.

BOTTERÓ, Jean. **Religion in Ancient Mesopotamia.** Columbia, SC: The University Chicago Press, 2004.

_____. **No Começo eram os Deuses.** Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2011.

COLLINS, John J. **Histories: Israel.** In: JOHNSTON, Sarah Iles. **Religions of the Ancient World: A Guide.** Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.

FORSYTH, Neil. **The Old Enemy: Satan & The Combat Myth.** Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989.

JURGENS, Blake A. **Beyond Good and Evil: Rethinking the Dynamics of Early Jewish Demonic Discourse.** Tese (Doutorado). College of Arts and Sciences, Florida State University, Tallahassee, FL. 2021.

LANGTON, Edward. **Essentials of Demonology.** Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2014.

LINK, Luther. **O Diabo: A Máscara sem Rosto.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

Platão. **O Banquete.** Tradução de Maria Mafalda Viana. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2019.

_____. **Teeteto e Crátilo.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, PA: Gráfica e Editora Universitária UFPA, 1988.

SLUTER, Elijah. **Mesopotamian Deities and Demons.** Charleston, SC: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2016.

SMITH, Mark S. **Deities and Demons: Israel.** In: JOHNSTON, Sarah Iles. **Religions of the Ancient World: A Guide.** Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.

THAYER, Joseph H. **Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament.** 13ª. Edição. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2017.

UNGER, Merrill F. **Biblical Demonology: A Study of Spiritual Forces at Work Today.** Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1994.

WILKINSON, Richard H. **Symbol & Magic in Egyptian Art.** Nova Iorque, NY: Thames and Hudson, 1994.